



## Lygia Clark: A Construção da Pintura (Planos em superfície modulada nº 1, 4 e 5)

Rodrigo Queiroz  
Doutorando - USP

O verbo pintar representa o infinitivo da ação de quem pinta, executa uma pintura.

Descreva o ato de pintar: são necessários alguns elementos básicos: pano, madeira moldura tinta e pincel.

A utilização combinatória de tais elementos constitui a pintura.

A manipulação do plano bidimensional será para Lygia Clark, tema de uma cuidadosa pesquisa onde alguns conceitos das artes plásticas vigentes até então, tais como: limite, cor, linha, moldura, forma e suporte serão colocados em discussão.

Para Lygia Clark, a tela não preexiste à pintura, mas será mesmo pintura o que Lygia Clark faz?

Lygia faz pintura ou constrói e monta elementos planares que se encaixam?

Se pintura é apenas a manipulação da superfície, Lygia é pintora, mas, para ela, essa superfície não é apoio para representações, essa superfície é pura pintura.

Não existe para Lygia a ação do artista sobre o suporte pré-definido, para ela a expressão e o meio nascem simultaneamente.

É certo que o Movimento Neoconcreto questiona o suporte da obra de arte: tomemos como exemplo os relevos espaciais de Hélio Oiticica e os Bichos de Lygia Clark.

Mas notem que o suporte que Lygia questiona, não é o do quadro e o da moldura como suportes para a exposição de uma idéia, Lygia questiona o suporte da ação do artista.

Em seus "Planos em Superfícies Moduladas", suporte e pintura nascem juntos, os planos bidimensionais autônomos articulam-se com outros planos de formas e cores diferentes, onde entendemos que a obra termina quando a combinação entre os planos satisfaz a artista, será que para ela enfim a "pintura" está pronta?

Ferreira Gullar diz que Lygia subtrai a ação "amortecedora" da moldura.

Sob esse aspecto, a artista, não só questiona o suporte mas também o limite da pintura.

A superfície organizada por cores e protegida por uma moldura representa para Lygia, a própria geometria plana destituída de seu poder de expansão, contida no limite da moldura, mesmo que, as vezes, essa moldura fosse representada apenas por um friso.

Nesse momento é aberto um novo horizonte para as possibilidades da forma no espaço.

Quando Lygia elimina a moldura, retira um organismo que fecha, separa a obra do espaço, assim a artista restabelece a continuidade entre a obra (pequena porção de linha e cor) e o mundo a sua volta.

Sobre isso Ferreira Gullar diz: *O espaço pictórico se evapora, a superfície do que era “quadro” cai ao nível das coisas comuns e tanto faz agora esta superfície ou a daquela porta ou a daquela parede.*

A pintura de Lygia Clark se liberta para fazer com que nossa percepção a compreenda como uma região de cor que reverbera sua influência sobre a parede, sobre as linhas de encontro da parede com o chão e com o teto, e sobre os vazios e os vedos ora cegos ora translúcidos, formados pelos desenhos das portas e das janelas.

Com essa nova relação obra/espço, Lygia reivindica um novo papel para as artes visuais quando associadas a projetos de arquitetura.

Segue trecho de conferência da artista na Faculdade de Arquitetura de Belo Horizonte em 1956: *...daí, a meu ver, a necessidade de um trabalho em equipe, em que o artista concreto poderá se realizar realmente, criando com o arquiteto um ambiente por si mesmo expressional.*

Em suas superfícies moduladas, Lygia irá rever o papel de um elemento fundamental da composição geométrica: a linha.

Nas “concreções numeradas” de Sacilloto, ou nas composições em Branco e Preto de Hércules Barsotti, a linha apresenta-se como tensão seminal da composição, assim como nas superfícies de Lygia Clark, porém a linha para Sacilloto e Barsotti é pintura, é produto da ação do pincel sobre a tela (não sei se fruto do uso de régua de alumínio apumada, ou de uma larga fita adesiva com boa capacidade de aderência).

No caso de Lygia, a linha não é produto da ação motora do artista, não há grafia, inexistente a ação do desenho pois não há risco.

Então será que poderíamos chamar as “Superfícies Moduladas” de desenhos?

A linha para Lygia é uma fresta, isto é, é uma porção de espaço entre as placas que compõem a superfície, é como o vazio entre as portas do armário, ou o vão entre o batente e a porta.

Será linha o vão entre as portas do armário?

Se destituirmos o aspecto funcional das portas do armário e a imaginarmos como um mero plano bidimensional, podemos dizer que sim. E na imensa maioria dos armários essa linha é mais escura que as portas, e certamente não é mais escura apenas porque as vezes encontra-se pintada de preto, na verdade, a existência da linha como um dado visual se dá pela ação da sombra das portas dos armários sobre a porção de vazio entre elas.

No caso das Superfícies de Lygia Clark o processo será o mesmo.

Para Lygia, a linha é o vão entre os planos, e se as Superfícies Moduladas são formadas pela justaposição de planos, chega-se a conclusão de que a linha-fresta é um dado incondicional nas superfícies de Lygia Clark.

Nesse processo pode-se dizer que Lygia “monta a pintura”, constrói as superfícies com peças de angulações precisas, com cortes impecáveis, certamente executados por uma ferramenta industrial, nesse caso desaparece a pincelada reguladora, que se comparada com a serra circular, representa uma atitude quase que artesanal, provinciana.

As superfícies de Lygia Clark possuem uma tensão geométrica e um rigor gráfico tão elevado quanto as pinturas concretas de Geraldo de Barros.

O que as difere é o processo. Para Lygia, o processo é tão importante quanto o produto, isto é: o papel social e ideológico da Arte reside na ação do artista sobre a matéria e não apenas na crença de que a devida percepção do objeto artístico é capaz de reverberar um efeito supostamente disciplinador da sociedade.

Essa pesquisa realizada por Lygia Clark se desdobrará em outras experiências que além de questionar a bidimensionalidade do quadro, irão discutir a validade da vigência dos conceitos da Geometria Euclidiana aplicados à arte abstrata geométrica, além de potencializar o papel do processo de elaboração do objeto artístico, onde o produto não é mais um fim, pois em algumas obras de Lygia Clark não há mais produto apenas processo.